

José Tolentino Mendonça

Elogio da Sede



«Se quiseres construir um navio, não comeces por dizer aos operários para juntar madeira ou preparar as ferramentas; não comeces por distribuir tarefas ou por organizar a atividade. Em vez disso, detém-te a acordar neles o desejo do mar distante e sem fim. Quando estiver viva esta sede meter-se-ão ao trabalho para construir o navio.»

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

Prefácio do Papa Francisco

Reverendo José Tolentino Mendonça,

Na conclusão dos Exercícios Espirituais, que assinalaram o início da Quaresma, desejo exprimir-lhe, querido irmão, o meu reconhecimento pelo generoso serviço que me prestou, a mim e aos meus colaboradores da Cúria Romana. Recorrendo à sabedoria do Evangelho, bem como à sua preparação teológica, à inspiração poética e à sua experiência pastoral e pessoal, conduziu-nos a refletir sobre um dos desafios mais urgentes para a Igreja de hoje: recolocar a sede de Jesus no centro do coração pulsante do cristianismo. Apreciamos muito particularmente as suas sugestivas referências à sede da humanidade, que é semelhante àquela da qual Jesus falou na cruz.

Vimos para estes Exercícios com o vivo desejo de compreender o que Deus quer dizer a cada um de nós, neste tempo de Graça. Sentíamos a necessidade de nos alimentarmos da Palavra de Deus, para conformar sempre mais a nossa vida à sua vontade. E o Senhor mais uma vez surpreendeu-nos. Redescobrimos que Deus não é apenas uma

invisibilidade, mas que, em Jesus, Deus tornou-se próximo de nós: é a nós que cabe agora abrimo-nos a esta proximidade. Experimentámos, além disso, que os braços de Deus permanecem abertos, que a sua paciência espera por nós sempre, para curar-nos com o seu perdão e alimentar-nos com a sua bondade e a sua graça.

Este caminho espiritual foi favorecido por si, que nos ajudou a sentirmo-nos procurados pela sede de Jesus, que não é uma sede de água, mas é maior: é sede de alcançar as nossas sedes, de entrar em contacto com as nossas feridas. As profundas meditações, partindo do dado exegético, abriram-nos ao mundo contemporâneo através das referências literárias, poéticas e ligadas a acontecimentos da atualidade. Por isso, estes dias de recolhimento e de oração encorajaram-nos a ver a necessidade de sermos testemunhas credíveis do amor que Deus tem por cada criatura, apoiando com a nossa missão a sede de quantos – especialmente os pobres – nos pedem: «Dá-me de beber.»

Renovando os mais sinceros agradecimentos, também em nome de quantos beneficiaram das suas belas meditações, peço-lhe que reze por mim e, enquanto o confio a si e ao seu ministério à materna proteção da Virgem Maria, de coração lhe concedo a Bênção Apostólica.

Do Vaticano, 23 de fevereiro de 2018

Franciscus

Introdução

Santo Padre,

Quis Vossa Santidade que este ano fosse um quase anónimo operário da Vinha do Senhor a pregar os Vossos Exercícios Espirituais e da Cúria Romana. Eu sou apenas mais um no universo dos cerca de quatrocentos e quinze mil padres, que servem hoje a Igreja de Cristo no mundo. Quatrocentos e quinze mil são poucos, face às necessidades urgentes colocadas pela evangelização. Mas, ao mesmo tempo, representam uma multidão impressionante, um caudal de vidas, rostos, histórias, esperanças, sofrimentos, fadigas e sedes vividas por amor do Reino de Deus. Ser apenas mais um, aqui diante de Vós, Santo Padre, diante dos eminentíssimos cardeais, e dos excelentíssimos bispos e sacerdotes, seus fiéis colaboradores, faz-me sentir, de algum modo, que os represento a todos. Também por isso agradeço o Vosso convite, que acolho aqui com simplicidade e humildade.

1. Aprendizes do espanto

«ESPANTA-TE AINDA», «espanta-te mais uma vez» — é isso que o texto do Evangelho de São João sugere. Nós que, a dada altura da vida, parece que já vimos tudo, já vivemos e sabemos tudo, e olhamos para a realidade protegidos por aquilo que julgamos ser uma distância ou um acumulado saber, somos aqui literalmente desarmados (e desarrumados) pelo espanto. Jesus dirige-se a uma anónima mulher samaritana e faz-lhe um pedido extravagante. Diz-lhe três palavras: «*dós moi peîn*» («dá-me de beber»). Ela vinha para tirar água e regressar ao povoado, vinha a pensar na sua casa, nos seus afazeres, na satisfação das suas necessidades. Tinha os seus passos mais ou menos calculados, o ir e o vir bem previstos e é surpreendida por aquele pedido e aquele interlocutor.

«Tinha de atravessar a Samaria. Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho José. Ficava ali o poço de Jacob. Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta da hora sexta. Entretanto, chegou certa mulher

samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: “Dá-me de beber.”» (João 4:5-24)

Por muito que isso nos desconcerte são estas as palavras que Jesus nos dirige, na borda do poço que representa este momento das nossas vidas: «Dá-me do que trazes. Abre o teu coração. Dá-me do que és.» Ele quebra o emaranhado de rotinas, cálculos e interditos, mais visíveis ou mais submersos, que atiram a nossa vida para um impasse, ainda que sob uma aparência de normalidade. Rompe com a previsibilidade sonâmbula dos nossos trajetos, das nossas idas e vindas cegas entre a casa e o poço e diz-nos: «Dá-me de beber.» Talvez ainda não tenhamos descoberto que o nosso poço possa servir para isso.

Sendo de condição divina, como explica São Paulo, Jesus não se valeu da forma de Deus, mas esvaziou-se dela para fazer-se servo último e radical da nossa humanidade (Filipenses 2:6-11). E tendo a possibilidade de dispensar o contributo que lhe possamos oferecer, o Senhor diz-nos: «Não te dispensio; eu preciso de ti; dá-me de beber.» Em qualquer estação da vida, e porventura nesta em concreto que vivemos, esse pedido provoca perplexidade e assombro. Invade-nos como um arrepio. Porque nós é que viemos beber; viemos até aqui, rumámos até ao poço para desse-dentar-nos. A sede, sabemos o que é. Fadiga e necessidade, conhecemos bem. Nós é que, como diz o profeta, ziguezagueamos de mar a mar, erramos de extremo a extremo, buscando por toda a parte e não encontramos (Amós 8:12). E agora, vem Jesus dizer-nos: «Dá-me tu de beber.»

O cansaço de Jesus

Quem tem a prática de um retiro ou de uma paragem anual, não raro chega a esse tempo feito em farrapos. O cansaço acumulado de um ano de atividade, e muitas vezes de hiperatividade, deixa-nos sem fôlego. Não é que essa pausa possa resolver tudo o que o nosso ano não conseguiu ser, mas olhamos para esses dias com ânsia de ouvir do Senhor o que ele disse aos seus discípulos sobrecarregados: «Vinde sozinhos para um lugar deserto e descansai um pouco.» (Marcos 8:31) Projetamos para aí uma idealização do repouso, sonhamos com compensações, desforças e recompensas. Também, por isso, é uma imagem em inesperada contramão a do texto joanino. Porque coloca as coisas ao contrário. Vínhamos todo o caminho a pensar em nós como os necessitados. A dizer para conosco: alguém cuidará de nós; agora é o tempo de receber. E eis que «Jesus, cansado da caminhada, se senta, sem mais, na borda do poço» (João 4:6).

No seu comentário ao Evangelho de São João, Santo Agostinho escreve que o cansaço de Jesus quer-nos revelar alguma coisa e garante: «É por ti que Jesus se afadigou na viagem.» De facto, o texto começa com uma informação que precisa de ser esclarecida. O narrador diz: «Tinha de atravessar a Samaria.» Na verdade, não tinha, se tivéssemos em conta apenas os critérios geográficos ou as convenções religiosas do tempo. Havia duas possibilidades para realizar a viagem entre a Judeia e a Galileia: ou através da Transjordânia ou através da Samaria. A Samaria

tinha a vantagem de ser uma rota mais curta e gozar, talvez, de maior segurança sobre a administração unificada dos romanos. Mas a Transjordânia evitava aos judeus o contacto com os samaritanos, população historicamente dissidente com a qual não se davam. A necessidade de Jesus passar pela Samaria não vem, por isso, explicitada. Permanece um mistério aquele «tinha de atravessar a Samaria». Podemos, provavelmente, ligar esse imperativo sentido por Jesus ao cumprimento da sua missão messiânica: ele deve alcançar também os dissidentes, os filhos distantes, as periferias, o mundo que está para lá das fronteiras de Israel. Mas agora ele está cansado e senta-se à beira do poço onde, não só a samaritana, mas também nós acabámos de chegar. Uma imagem espiritualmente rara e que desafia o nosso olhar. Santo Agostinho comenta-a assim:

«Queres ver como é forte o Filho de Deus? Tudo foi feito por meio dele, e nada foi feito sem ele; e tudo realizou sem fadiga. Quem, portanto, é mais forte do que ele que criou sem fadiga todas as coisas? Queres ver agora a sua fragilidade? O Verbo fez-se carne e habitou entre nós (João 1:13-14). A força de Cristo criou-te, a fragilidade de Cristo te recriou. A força de Cristo chamou à existência o que não existia, a fragilidade de Cristo impediu que se perdesse aquilo que existia. Com a sua força criou-nos, com a sua fragilidade veio socorrer-nos.»

Jesus sentou-se à beira do poço

As ações de Jesus devem ser lidas em chave teológica, mesmo aquelas que parecem apenas subsidiárias na narrativa evangélica, como entrar e sair, abeirar-se ou distanciar-se, levantar-se ou sentar-se. O verbo sentar-se, por exemplo, tem uma semântica ampla que vai desde a indicação da forma de ensinamento, na relação mestre/discípulo (Mateus 5:1; 13:1-2; Marcos 4:1; 9:35; Lucas 5:3; João 6:3), à evocação da majestade de Deus (Daniel 7:9); desde a descrição do gosto que Jesus tinha de sentar-se ao ar livre (fosse ao longo do lago ou no cimo do monte, como o atestam tantos textos — Mateus 13:1; Marcos 4:1; Mateus 5:1) à referência escatológica ao estatuto do Filho do Homem que «quando vier na sua glória, acompanhado por todos os seus anjos, há de sentar-se no seu trono de glória» (Mateus 25:31). Mas aí Jesus senta-se para ensinar, para proclamar o Reino de Deus, para manifestar a sua glória ou instaurar um julgamento de justiça. Os que estão sentados a pedir representam, em princípio, outra coisa e estão claramente identificados no Evangelho: são os mendigos. Mendigos como aqueles que, sentados à beira da estrada, na saída de Jericó, ao ouvirem dizer que Jesus ia a passar, começaram a gritar: «Senhor, Filho de David, tem misericórdia de nós!» (Mateus 20:30-31) Ou como o Bartimeu, do Evangelho de São Marcos, sentado junto ao caminho (10:46). Ora, Jesus, à beira do poço, aparece a mendigar também. O seu corpo é um corpo não poupado ao esforço; um corpo que vivencia a fadiga dos dias; gasto pelo cuidado amoroso dos outros; queimado pelo sol, batido pelo pó;

um corpo entregue. Nesse sentido, o de Jesus é um corpo mendicante. Ele precisa de atravessar a Samaria. Ele precisa — como dirá a Zaqueu no Evangelho de São Lucas — de ficar em tua casa (19:5). Ele precisa — como dirá à mulher samaritana — que lhe dê de beber. Não é só o homem que é mendigo de Deus. Em Jesus, Deus também se apresenta como mendigo do homem. Este é um ícone a desvelar no nosso coração. Simone Weil desenhava-o assim: «Deus espera como um mendigo [...], imóvel e silencioso, diante de qualquer um que lhe estenda um bocado de pão. O tempo é a espera de Deus que mendiga o nosso amor.»

O meio do tempo, o meio do caminho

Mas interessa iluminar uma correspondência textual interna ao Quarto Evangelho, pois, uma vez identificada, torna-se uma fecunda chave de interpretação espiritual do conjunto. A passagem de João 4:6 que diz «Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta da hora sexta» liga-se à de João 19:13-14, costurando assim uma alusão muito significativa à paixão: «Ouvindo estas palavras, Pilatos trouxe Jesus para fora e fê-lo sentar numa tribuna, no lugar chamado Lajedo, ou Gabatá em hebraico. Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta da hora sexta. Disse, então, aos judeus: “Aqui está o vosso Rei!”» Só compreendemos verdadeiramente o diálogo de Jesus com a samaritana — e conosco — se tivermos diante dos olhos o dom sem limites que Jesus faz de si

na cruz. Em ambas as situações, no poço de Jacob e no tribunal de Pilatos, Jesus está sentado e o Sol marca o meio-dia, a hora sexta. É a hora central do dia, o ponto que determina a passagem de uma parte a outra da jornada. O meio do tempo assinalando um antes e um depois. O meio do caminho ou a encruzilhada da vida. Não apenas a indicação de uma mudança cronológica, mas a figuração da passagem que Jesus protagoniza e inscreve em nós. Ele que nos leva do tempo da história ao tempo da salvação. Por isso, mesmo que o relógio marque outras horas, muitas vezes na nossa vida é meio-dia. O instante exato em que agora estamos é meio-dia. Sempre que acedemos ao convite para uma viagem interior é meio-dia. Sempre que nascemos e renascemos no encontro com a palavra é meio-dia. Sempre que nos dispomos à escuta profunda da nossa sede é meio-dia. Sempre que nos abeiramos da fonte em silêncio e esperança, sem mais. No entusiasmo do riso ou no desamparo de tantas noites e lágrimas, quando nos sentimos a descer uma íngreme escada sem corrimão: pode ser meio-dia. Na tarefa que nos obsidia e absorve e na pausa que nos devolve a nós mesmos: pode ser meio-dia. Nos gestos e para lá dos gestos. Sempre que deixamos que Jesus nos dessedente é certamente meio-dia.

Veio procurar-nos

Teremos, talvez, de purificar as nossas imagens e convertermo-nos a este Deus que, em Jesus, vem procurar-nos

não em espetaculares provas assertivas, mas na quenosse tatuada na vulnerabilidade da nossa carne. Jesus distancia-nos propositadamente do *deus ex machina*. «Com a sua fraqueza ele veio procurar-nos.» Na profissão de cristianismo que o teólogo Dietrich Bonhoeffer desenvolveu em horas extremas da nossa contemporaneidade ele deixou claro que «é absolutamente evidente que Cristo não nos ajuda em função da sua onnipotência, mas em função da sua fraqueza!». Bonhoeffer tinha diante dos olhos o texto de Mateus 8:16-17: «Ao entardecer, apresentaram-lhe muitos possessos; e Ele, com a sua palavra, expulsou os espíritos e curou todos os que estavam doentes, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías: “Ele tomou as nossas enfermidades e carregou as nossas dores.”» Mas podia partir deste passo de São João que estamos a meditar, e que nos coloca dentro, no próprio âmago da fragilidade de Deus.

«Com a sua fragilidade ele veio procurar-nos.» Sintamo-nos procurados. No mais fundo, no mais doloroso e fragmentário, no mais abissal e noturno da nossa fragilidade sintamo-nos compreendidos e procurados pela sede de Jesus. De facto, Jesus não diz «dá-me um pouco de água» ou «dá-me daquela água» ou «traz-me água do teu poço». Jesus pede: «Dá-me de beber.» A sua sede não se materializa na água, porque não é de água a sua sede. É uma sede maior. É a sede de tocar as nossas sedes, de contactar com os nossos desertos, com as nossas feridas. É a sede dessa parte significativa de nós mesmos que fica tão frequentemente adiada, abandonada à

solidão. É a sede dessa porção de nós (porção suspensa, omitida, calada) para a qual não encontramos interlocutor.

No enquadramento do episódio da samaritana, o evangelista faz-nos saber que os discípulos se ausentaram para comprar alimentos. De facto, a relação entre judeus e samaritanos limitava-se a uma configuração comercial, mas não é esse o tipo de relação que Jesus estabelece, claramente na base do dom. O nosso intercâmbio com Jesus não obedece a uma lógica comercial, embora nos sintamos tantas vezes tentados a isso. Tentados a aviar com ele apenas as nossas necessidades, e depois bom-dia e até logo, pois a vida que consideramos não está ali. Sempre a espiar o relógio. A deitar contas ao que ganhamos e ao que perdemos do ponto de vista material. A aproveitar os saldos e as promoções. Jesus, porém, introduz o verbo dar: «Dá-me de beber.»

É curioso que só mais uma vez, no Evangelho de São João, o verbo beber tenha por sujeito Jesus. Trata-se da passagem de João 18:11, quando Jesus declara a São Pedro: «Mete a espada na bainha. Não hei de beber o cálice que o meu Pai me ofereceu?» Jesus tem sede de beber do Pai, do dom do Pai, e é mesmo devorado por essa sede e essa fome. Como ele confessará aos discípulos: «O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou.» (João 4:34) E isso é bem patente em todo o seu caminho. Mas a sede do Pai expressa-se ardentemente nesta sede que Jesus tem de beber de nós. Por isso, ele pede a cada um: «Dá-me de beber.»

Se conhecesses o dom de Deus

É o Senhor que toma a iniciativa de vir ao nosso encontro: ele chega primeiro ao poço. Quando aqui chegámos, já ele estava aqui à nossa espera. Quando a mulher samaritana entra em cena, já Jesus estava sentado. Por isso, é verdade que por maior que seja o nosso desejo, maior ainda é o desejo de Deus. E como consequência ouvimo-lo dizer: «Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz “Dá-me de beber”, tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva!» (João 4:10) O encontro com Jesus não é um ajuste de contas, nem Jesus nos vem revelar um Deus justiceiro. Não serve a autoflagelação, de quem se deixa amarrar à frustração de não ter nada para dar. Pode acontecer que nos sintamos a cavar «cisternas rotas que não retêm as águas» (Jeremias 2:13) e que neste tempo todo apenas o nosso deserto, o interior e aquele à volta de nós, se tenha ampliado. Pode acontecer que nos pese a insustentável leviandade de certas imperfeições e a persistência de insuficiências que nos derrubam. Mas quando Jesus diz à mulher a verdade dela, isso não a humilha, nem a paralisa. Pelo contrário, ela sente-se encontrada, visitada pela graça, liberta pela verdade do Salvador. Ela fará aos seus compatriotas um anúncio estranho, mas muito sintomático: «Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz! Não será Ele o Messias?» (João 4:29) A samaritana faz assim um voto de confiança em Jesus. Não encontrou nele a sombra ou o muro da hostilidade, mas a luz e o dom da hospitalidade. É no reconhecimento de um amor assim, capaz de

nos conhecer e nos abraçar por inteiro, que a conversão acontece. Isso é o mais importante. Que nos sintamos amados.

Na carta apostólica *Misericordia et Misera*, no termo do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, o Papa Francisco recordava-nos:

«A misericórdia é esta ação concreta do amor que, perdoando, transforma e muda a vida. É assim que se manifesta o seu mistério divino. Deus é misericordioso (cf. Êxodo 34:6), a sua misericórdia é eterna (cf. Salmos 136/135), de geração em geração abraça cada pessoa que confia n'Ele e transforma-a, dando-lhe a sua própria vida.»

O que está dentro de um abraço

Sintamo-nos abraçados. Para traduzir que sentimento pode ser este, o do sentir-se abraçado, há uma história contada pelo escritor uruguaio, Eduardo Galeano, numa maravilhosa antologia de pequenos textos a que ele intitulou *O Livro dos Abraços*. Galeano não explica propriamente o que é um abraço, porque um abraço é um gesto tão grande e profundo que entra na categoria do inexplicável. Mas ele conta o que está antes e o que está dentro de um abraço. A história de que me lembrei chama-se «Noite de Natal», e Eduardo Galeano narra-a assim:

«Fernando Silva dirige o hospital de crianças, em Manágua. Na véspera do Natal, fica a trabalhar até muito tarde. Os foguetes estalavam e os fogos de artifício

começavam a iluminar o céu quando Fernando decide-se a ir embora. Em casa, esperavam-no para festejar.

Percorreu uma última vez as salas, para verificar se tudo estava em ordem, e numa delas sentiu que havia passos a segui-lo. Passos de algodão: virou-se e descobriu que um dos miúdos internos caminhava atrás dele. Na penumbra, reconheceu-o. Era um menino que estava sozinho. Fernando reconheceu a sua cara marcada pela morte e aqueles olhos que pediam desculpa ou talvez pedissem licença. Fernando aproximou-se e o menino roçou-lhe a mão:

— Diga a... — sussurrou o menino. — Diga a alguém que eu estou aqui.»

Deus sabe que estamos aqui. Onde quer que existencialmente estejamos, ele sabe encontrar-nos e reencontrar-nos. Deus sabe reconhecer os nossos frágeis passos de algodão, os intermináveis corredores solitários onde a noite nos persegue, o medo que a certas horas se lê nos nossos olhos desamparados. Deus sabe. Deus sabe decifrar o fio de voz que nos falha quando temos de dizermos-nos, e sabe recolher com amor cada uma das palavras que deixamos em silêncio.

Também a vossa oração sobe a junto de Deus

Ainda outra história. Tolstói recupera num dos seus livros um conto tradicional da região do Volga sobre três

anciãos que vivem em monacal solidão numa ilha, por anos e anos. Uma vez, um bispo que navegava de Archangelsk para Soloweski ouviu um peregrino que ia no barco referir a existência daqueles eremitas que ele desconhecia e decide visitá-los. Quando lá chega e lhes pergunta como rezam, eles dizem: «Tu és três, nós somos três. Tem misericórdia de nós, e permanece connosco.» O bispo ouviu-os e sorriu: «Pelo menos ouvistes alguma coisa sobre a Trindade. Mas não podeis continuar assim. Vou instruir-vos segundo o modo que o bom Deus ordenou para todos os homens.» E começou a ensinar-lhes coisas tão básicas como o Pai-Nosso. Sentou-se num penedo, enquanto os anciãos estavam de pé de olhos postos na sua boca. Se cometiam um erro, corrigia-os e fazia-os recomeçar. E o bispo ficou com os anciãos até que aprendessem a oração de memória. Depois abraçou-os um por um, repetiu as suas recomendações e regressou ao navio para continuar viagem.

Mas quando já ia longe, olhando para trás, começou a ver uma nuvem, primeiro muito longe, e depois cada vez mais perto. O que era estanho era que aquela nuvem não estava no céu, mas sobre o mar, como se fosse uma sombra a correr. Então ele olha e vê diante de si os três monges que o seguiram para lhe pedirem que lhes ensinasse o Pai-Nosso, de que eles já se tinham esquecido. Tinham voltado a saber rezar apenas, «Tu és três, nós somos três. Tem misericórdia de nós, e permanece connosco». O bispo disse-lhes então: «Também a vossa oração sobe a junto de

Deus. Não tenho nada a ensinar-vos. Rezai por nós pobres pecadores.»

Qual é a melhor oração? Não hesitemos: é aquela que neste momento podemos fazer. Será insuficiente, limitada, imperfeita, tosca, balbuciante ou rudimentar. É como é. Será pobre, fragmentada, distraída ou dispersa. Será diferente daquela que já fomos capazes de fazer no passado ou incomparavelmente diversa daquela oração idealizada que gostaríamos que fosse a nossa. O importante é não deixar de rezar.

A história dos três eremitas dá que pensar. Não se trata de fazer a apologia de um *alzheimer* espiritual, mas sem dúvida que é um bom conselho para a nossa peregrinação interior aquele que, nessa mesma linha, nos oferece Fernando Pessoa quando escreve que, para vermos efetivamente a realidade como ela é, precisamos de aprender a desaprender. De facto, o menos é mais. E, porventura, ao contrário do que pensamos, não precisamos de mais isto ou de mais aquilo para então finalmente ser. Precisamos, sim, de aprender a desaprender.

Desaprendamos então para apreender aquela graça que possibilitará a vida dentro de nós. Desaprendamos então para apreender — na nossa pobreza, na nossa realidade — quanto Deus é a nossa raiz, o nosso tempo, a nossa atenção, a nossa contemplação, a nossa companhia, a nossa palavra, o nosso segredo, a nossa escuta, a nossa água e a nossa sede. Digamos no nosso íntimo, com toda a verdade e confiança de que formos capazes: «Senhor, eu

estou aqui à espera de nada», «Senhor, eu estou aqui à espera de nada». Que é como quem diz: estou somente à espera de ti, à espera daquilo que me dás, à espera daquilo que tu és.